

DIALOGANDO ENTRE CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA, CRÍTICA CULTURAL E CRIAÇÃO MUSICAL: USO DE UMA LINGUÍSTICA APLICADA INTERDISCIPLINAR

Jussara Keila Nascimento Souza Silva¹

Márcio Ronaldo Rodrigues Vieira²

Nilton Alex Fernandes Ribeiro³

Resumo: O estudo apresenta a construção de imagens e identidades brasileiras na musicalidade e analisa como as características permanentes da música brasileira expressa uma memória social e uma identidade em constante processo de construção. O texto tem como objetivo discutir noções contemporâneas de cultura a partir de imagens das canções no imaginário da nação, no sentido de destacar sua elaboração nas manifestações orais no decurso da história brasileira. Além de situar o leitor no conceito de cultura popular e como a mesma é importante para o fortalecimento das identidades e subjetividades. A Música se faz presente em todos os processos históricos principalmente os relacionados com a cultura popular, a musicalidade também é uma forma de transmissão oral de cultura que por sua vez se torna um registro identitário, na construção da subjetividade dos sujeitos em seus múltiplos processos, e compreender como a mesma contar história, demarcar territórios, legitimar culturas, e acima de tudo, é uma das grandes potencialidades do processo de ensino-aprendizagem fortalece a maneira de como a música

¹ Doutoranda do Programa em Crítica Cultural da UNEB/ Pós Crítica, Mestre, Pedagoga, Professora indígena. Endereço eletrônico: jussarakeila420@gmail.com.

² Doutorando do Programa Em Crítica Cultural (Pós Crítica/ UNEB) Turma Especial de Canudos, Mestre, Filósofo, Professor Auxiliar B DEDC UNEB XV-Valença (BA). Endereço eletrônico: mrvieira@uneb.br.

³ Doutorando do Programa em Crítica Cultural (Pós-Crítica/ UNEB), Mestre, Historiador. Endereço eletrônico: nilton-alex@hotmail.com.

é vista dentro de manifestações da cultura popular em seus signos e significados.

Palavras-Chave: Musicalidade. Identidades. Cultura Popular.

DIALOGUE BETWEEN BRAZILIAN POPULAR SONG, CULTURAL CRITICISM AND MUSICAL CREATION: THE USAGE OF AN INTERDISCIPLINARY APPLIED LINGUISTICS

Abstract: The study presents the construction of Brazilian images and identities in musicality and analyzes how the permanent characteristics of Brazilian music express a social memory and an identity in constant process of construction. The text aims to discuss contemporary notions of culture from images of songs in the nation's imagination, in order to highlight their elaboration in oral manifestations in the course of Brazilian history. In addition to placing the reader in the concept of popular culture and how it is important for the strengthening of identities and subjectivities. Music is present in all historical processes, especially those related to popular culture, musicality is also a form of oral transmission of culture that in turn becomes an identity record, in the construction of the subjectivity of subjects in their multiple processes, and understand how it tells a story, demarcates territories, legitimizes cultures, and above all, is one of the great potentialities of the teaching-learning process, strengthens the way in which music is seen within manifestations of popular culture in its signs and meanings .

Keywords: Musicality. Identities. Popular Culture.

Introdução

Quando saímos de nossa casa e damos uma volta na nossa rua, quarteirão, bairro, cidade ou outros lugares de nosso estado, nos deparamos com inúmeras informações. Somos bombardeados por cores, cheiros, sabores e saberes. Imagine-se sentindo um cheiro bom, de alguma comida gostosa; agora pense na receita que explica como essa comida foi feita, além de técnicas e segredos culinários, informações passadas de geração em geração, até chegar em nosso tempo: será que esse prato sofreu influência, da localidade, do estado ou até do país de sua original receita? Quantas culturas diferentes fazem esse mesmo prato com ingredientes diversos? e colocando a sua cultura em uma simples refeição que nos alimenta e às vezes nos trazem à tona lembranças de épocas e locais onde já passamos? Essa diversidade que está se transformando a todo momento, pode ser chamada de cultura popular?

Cultura + Popular = Cultura Popular. Antes de adentrar de fato na cultura popular devemos compreender essa soma de valores. Para Santos (1987), a cultura em suas duas concepções pode ser definida como algo que remete a todos os aspectos de uma realidade social e que refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo. O popular é descrito por Arantes (1981), como o traço que melhor define a arte do povo.

Entender cultura é uma dualidade, pois se trata de um processo complexo e simples ao mesmo tempo, remete-se a pontos de vistas diferenciados, formas de saberes, dentre outros fatores, são determinantes para classificação da mesma, mas como definir o que é cultura popular? Essa complexidade causa tanta confusão que o antropólogo e escritor Antônio Augusto Arantes, na Coleção Primeiros Passos nº 36, deu um norte sobre o assunto:

Cultura popular está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas especialmente pela antropologia social, disciplina que tem dedicado particular atenção ao estudo da 'Cultura'. São muitos dos seus significados e bastante heterogêneos e variáveis ou eventos que essa expressão recobre (ARANTES, 1981, p. 7).

Diante disso, as professoras Martha Abreu e Rachel Soihet (2003), escreveram sobre cultura popular o seguinte:

Cultura popular é um dos conceitos mais controvertidos que conheço. Existe, sem dúvida, desde o final do século XVIII; foi utilizado com objetivos e em contextos muito variados, quase sempre envolvidos com juízos de valor, idealizações, homogeneizações e disputas teóricas e políticas. Para muitos, está (ou sempre esteve) em crise, tanto em termos de seus limites para expressar uma dada realidade cultural, como em termos práticos, pelo chamado avanço da globalização, responsabilizada, em geral, pela internacionalização e homogeneização das culturas (ABREU; SOIHET, 2003, p. 1).

Parece que quanto mais estudamos sobre Cultura Popular fica mais difícil delimitar e classificar de forma homogênea esse termo tão abrangente. Para a socióloga Marina Soler Jorge (2006), em seus estudos concluiu que:

Por outro lado, nem sempre a palavra popular tem uma acepção positiva. Popular pode assumir uma conotação pejorativa relacionada, em geral, a baixo nível intelectual e artístico e a atraso (JORGE, 2006, p. 175).

Essa esteriotipação dada à cultura popular leva muitas pessoas a concluir que seus signos e influências não devem ser consideradas com a mesma capacidade que as ciências exatas, devido a não "intelectualidade" acadêmica, para outros é um simples folclore; e sufocada pela cultura de massa esse conceito é cada vez mais difundido, como abordam as professoras Abreu e Soihet (2003):

Para uns, a cultura popular equivale ao folclore, entendido como o conjunto das tradições culturais de um país ou região; para outros, inversamente, o popular desapareceu na irresistível pressão da cultura de massa (sempre associada à expansão do rádio, televisão e cinema) e não é mais possível saber o que é originalmente ou essencialmente do povo e dos setores populares. Para muitos, com certeza, o conceito ainda consegue expressar um certo sentido de diferença, alteridade e estranhamento cultural em relação a outras práticas culturais (ditas eruditas, oficiais ou mais refinadas) em uma mesma sociedade, embora estas diferenças possam ser vistas como um sistema simbólico coerente e autônomo, ou, inversamente, como dependente e carente em relação à cultura dos grupos ditos dominantes (ABREU; SOIHET, 2003, p. 1).

Por isso, seguindo a mesma linha de pensamento das autoras, o antropólogo Antônio Augusto Arantes também reforça essas conotações pejorativas que a cultura popular tem sofrido, e ele é ainda mais categórico quando expressa isso em sua argumentação:

Muita gente torce o nariz, levanta as sobrancelhas ou movimenta-se com paciência quando ouve o enunciado "cultura popular". Isso se deve a, pelo menos, dois motivos. Em primeiro lugar, ao fato dessa noção ter servido a interesses políticos populistas e paternalistas, tanto de direita quanto da esquerda; em segundo, ao fato de que nada de claramente discernível e demarcável no concreto parece corresponder aos múltiplos significados que ela tem assumida até agora (ARANTES, 1981, p. 9).

Estamos em tempos de reflexões e construção de um novo olhar sobre o conceito de cultura popular, esse rótulo de "objeto não identificado" deve ser rebatido, e não cabe mais aceitarmos. Outro fator que é muito contestado é "[...] a vaga comparação de cultura popular com tradição, sua fidelização a costumes, indumentárias, culinárias" (ARANTES, 1981,

p. 8), compreensões que são confundidas apenas como forma de curiosidade ao passado e tratadas como fetichização de uma visão romantizada dela. Essa visão deturpada e empobrecedora traz um cargo de sinonimização entre cultura popular e tradição, fazendo-se pensar que seu clímax foi passado e não contemporâneo; deixando uma visão que a cultura popular, assim como a tradição, é imutável, fixa e estática, e como podemos ver a cultura é viva e está em constantes transformações, (re)inventando-se a todo tempo, transformando-se e sendo transformada ininterruptamente.

Analisando as conceituações propostas pelas professoras Abreu e Soihet (2003), em que elas explicam como é difícil no Brasil definir cultura popular, podemos encontrar um embasamento para falar sobre esse conceito tão implícito como esse tema tão popular:

Antes, porém, é bom deixar claro que não entendo cultura popular como um conceito que possa ser definido a priori, como uma fórmula imutável e limitante. Talvez possa ser visto como uma perspectiva, no sentido de ser mais um ponto (de vista) para se observar a sociedade e sua produção cultural. O fundamental, no meu modo de ver, é considerar cultura popular como um instrumento que serve para nos auxiliar, não no sentido de resolver, mas no de colocar problemas, evidenciar diferenças e ajudar a pensar a realidade social e cultural, sempre multifacetada, seja ela a da sala de aula, a do nosso cotidiano, ou a das fontes históricas. Não se deve perder de vista, entretanto, como já ouvi certa vez, que muito mais fácil do que definir cultura popular é localizá-la em países como o Brasil, onde o acesso à chamada modernidade não eliminou práticas e tradições ditas pré-modernas (se bem que todo cuidado é pouco para identificar estas práticas e tradições como populares) (ABREU; SOIHET, 2003, p. 2).

Diante desses argumentos apresentados pelas autoras, podemos chegar a algumas conclusões: primeiro, que a cul-

tura popular pode variar em diferentes pontos de vistas e expectativas, pois para alguns pode ser um instrumento, para outros está definida em práticas que conseguiram trazer saberes para nossa geração por meio das narrativas, como mencionado por Arantes (1981); e segundo, ela nos ajuda a (re)pensar a nossa realidade por meio dos saberes que transcendem o ambiente escolar, a comunidade, o cotidiano, e assumem o papel de romper fronteiras como no exemplo do Brasil, onde o pré-modernismo não conseguiu ocupar as práticas tradicionais que foram trazidas, ou sobreviveram até nossos dias (ABREU; SOIHET, 2003).

Se pudéssemos transformar a cultura popular em uma teia de aranha infinita, poderíamos entender o significado dela, pois, como numa teia, os fios se cruzam em determinados momentos, e perpassam uns pelos outros, a cultura popular de modo similar é macro e ampla em todos os sentidos, ela continua crescendo, em especial por continuar sofrendo influências.

Por ser algo vivo, e não estável, muitas vezes palpável ou simbólico, ela vem mostrando que seu legado é imortalizado e perpetuado por meio de memórias e narrativas que precisam ser preservadas, e a produção audiovisual tem a capacidade de oferecer um registro fidedigno referente ao tempo na qual foi gravada, podendo garantir a conservação temporal de um dado momento gravado.

A cultura popular está presente na socialização que ocorre entre os indivíduos, na qual os mesmos, por meio dessas influências mútuas que estão inter-relacionadas, produzem diversos elementos e tradições, as quais são ensinadas por meio da linguagem informal ou popular. Na maioria das vezes envolvem narrativas, ensinadas por meio das danças, festas, folguedos, músicas, artesanato, folclore, dentre outras.

Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, seja movidas por suas forças internas, seja em consequência desses contatos e conflitos, mais frequentemente por ambos os motivos. Por isso, ao discutirmos sobre cultura temos sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência. São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e diferenciam, e a cultura as expressa (SANTOS, 1987, p. 7).

Com base na definição dada pelo pesquisador Jose Luiz dos Santos (1987), podemos concluir que tudo que é produzido pela inteligência humana pode ser considerado cultura.

Cultura também remete à característica de uma resistência, de uma luta pela sobrevivência, ao passo que saberes são transmitidos em expressões artísticas, técnicas de trabalho, ou plantio, literatura oral, dentre outras possibilidades; e isso é vivo enquanto recorremos a plantas medicinais, que estão presentes no cotidiano popular das pessoas; superstições que ditam seus costumes e formas de agir; músicas que além de alegrar e encantar, trazem em si uma narrativa forte de pertencimento, seja na letra ou na composição melódica; podemos senti-la numa forma de costurar ou plantar.

Respiramos cultura; somos uma planta e a cultura popular é a raiz que alimenta e liga o passado com o contemporâneo, as folhas ao caule, o sentido à vida, e a tradição com a contemporaneidade. Ela faz parte de nossas vidas e dizem

mais sobre nossa formação do que o sobrenome que nós carregamos.

A identidade é o que fortalece as manifestações da cultura popular, mas para que isso possa acontecer, precisamos ter uma necessidade de pertencimento desenvolvida, no próximo subtítulo vamos entender um pouco mais sobre essa formação identitária, agregada ao pertencimento.

O diálogo de saberes no encontro das identidades

Os índios vivem em sua maioria do artesanato, também de caça, de coleta, de agricultura. Mas também são profissionais na saúde, na educação, e sem considerar os que migraram para trabalhar fora da aldeia, que são pedreiros, operários e profissionais especializados e até empresários. Tem professores/doutores universitários, médicos e advogados, suas manifestações culturais incluem a dança e a música.

Os índios Fulniô “povo da beira do rio” conservaram o seu idioma, são todos bilíngues, eles vivem em Águas Belas-PE em contato diário com os brancos, mas não perderam sua identidade, são os únicos indígenas do Nordeste que mantêm viva a sua língua nativa Yathê, que significa “nossa boca, nossa fala”. Os índios vivem do artesanato, suas manifestações culturais incluem a dança e a música, inspiradas na natureza, para eles a origem do índio é a sua linguagem.

Fotografia 1 — Música e Dança com os Fulniô



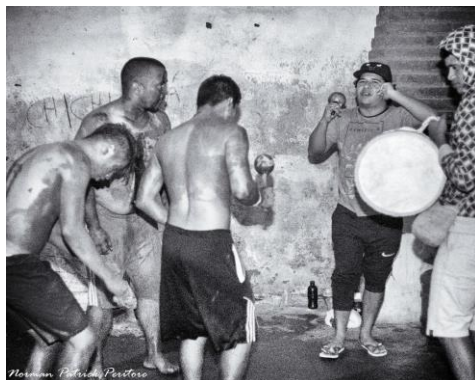
Fonte: Arquivo de memórias da Própria Autora (Kambiwã).

O convívio com o diferente e o semelhante entre os grupos sociais e as críticas a eles é um desafio para todas as culturas, a partir disso podemos refletir sobre as diferenças em nossas relações sociais. A dança, a música, o teatro e as artes é espírito de um povo (território, etnia, linguística, aprendizado da língua, identidade, educação).

Interessam mais os bens culturais — objetos, lendas, músicas — que os agentes que os geram e consomem. Essa fascinação pelos produtos, o descaso pelos processos e agentes sociais que os geram., pelos usos que os modificam, leva a valorizar nos objetos mais a sua repetição que sua transformação (CANCLINI, 1998, p. 211).

As comunidades indígenas (guerreiros desenraizados) e as remanescentes de quilombo (comunidades negras rurais e terras de preto) vistas como categorias sociais representam forças relevantes no meio urbano e rural brasileiro. As origens da exclusão social no campo, dentro da questão indígena/negra tidos como a legião de bastardos não foi capaz de apagar a performance na dança, na música, na arte e a autenticidade étnica aprendida com os mais velhos como expressão obrigatória da identidade.

Fotografia 2 — Musicalidade Fulniô



Fonte: Arquivo de memórias da Própria Autora (Kambiwá).

A importância dos sons na formação das identidades

Os sons podem ser ruídos, vozes, inclusive a ausência deles, como o silêncio. Segundo Menezes (2008, p. 117): “o cultivo do ouvir pode enriquecer os processos comunicativos hoje muito limitados à visão, e nos ajudar a viver melhor num mundo marcado pela abstração”. O autor ainda afirma que:

Na cultura do ouvir somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, a ampliar o leque da sensorialidade para além da visão. Ir além da racionalidade que tudo quer ver, para adentrar numa situação onde todo o corpo possa ser tocado pelas ondas de outros corpos, pelas palavras que reverberam, pela canção que excita, pelas vozes que vão além dos lugares comuns e das tautologias midiáticas (MENEZES, 2008, p. 117).

Para definirmos o que é som, recorreremos à referência do livro “O som e o sentido”, de José Miguel Wisnik (1989), em que o autor define som da seguinte forma:

Sabemos que o sonho é onda, que os corpos vibram, que essa vibração se transmite para atmosfera sobre a forma de uma propagação ondulatória, que o nosso ouvido é capaz de captá-la e que o cérebro a interpreta, dando-lhe configurações e sentidos. Representar o som como uma onda significa que ele ocorre no tempo sobre a forma de uma periodicidade, ou seja, uma ocorrência repetida dentro de uma certa frequência (WISNIK, 1989, p. 17).

Essa frequência sonora que são medidas em decibéis (dB), nos ajuda a compreender o som ou a ausência dele como instrumento bastante significativo, e nos faz entender a importância de explicá-lo separadamente; e enxergar a sua potencialidade quando for vinculado a outras diversidades, como a produção audiovisual de uma manifestação da cultura popular. Por exemplo: em um documentário, um silêncio pode ser quebrado com um ruído de uma pessoa engolindo uma saliva, e isso pode expressar um sentimento ou sensação semelhante a de uma composição melódica, além de transmitir uma informação, pode falar usando o som ou a sua ausência, levando em consideração que o cinema mudo também na sua ausência de sons, conseguia transmitir sensações e emoções. Para Wisnik (1989):

A música, em sua história, é uma longa conversa entre o som (enquanto recorrência periódica, produção de constância) e o ruído (enquanto perturbação relativa da estabilidade, superposição de pulsos complexos, irracionais, defasados). Som e ruído não se opõem absolutamente na natureza: trata-se de um continuum, uma passagem gradativa que as culturas irão administrar, definindo no interior de cada uma qual a margem de separação entre as duas categorias [...] (WISNIK, 1989, p. 26).

A música é um dos grandes e ricos elementos culturais presentes em todas as sociedades, ela pode contar história, demarcar territórios, legitimar culturas, e acima de tudo, é uma das grandes potencialidades do processo de ensino-

aprendizagem. Ela tem a capacidade de fazer uma leitura de mundo por meio da sonoridade. Quando paramos para analisar as músicas que os indígenas cantam, podemos ver que eles fazem o resgate de memórias, e perpetua sua cultura para as outras gerações, educa, e ainda usa do lúdico para se divertir. A música é algo presente em quase todas as culturas.

Para que o educador se utilize desse recurso pedagógico, que é a música, ele tem que ter uma consciência criativa, além de noções básicas sobre os elementos de som e música, deve ter também uma forma de abordar linguagem musical dentro de projetos e planejamentos pedagógicos coerentes.

Considerada uma excessiva envolvente forma de expressão artística, a música também pode atuar como poderoso instrumento educativo e transformador. Por meio dela, adultos e crianças descobrem universo que contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da coordenação motora, do sensor rítmico, da percepção auditiva e da sensibilidade estética (SESI, 2009, p. 17).

O Brasil tem a fama de ser um país extremamente musical, seja na fala, na dança, no manejo com a bola, o brasileiro tem “música na veia”. Sua sonoridade invadiu o mundo com seus ritmos e sons que a cada nova temporalidade inova e se reinventa. A música faz parte do nosso berço de formação e ela jamais deve ser desconsiderada dentro do ambiente escolar. Tanto que na coleção dos “Cadernos Técnicos”, do SESI (2009), existe uma valorização para o trabalho com música que nos dá o que pensar, sobre a importância desse instrumento:

A música, quando apreendido utilizada como linguagem, oferece acesso a uma educação para a vida que inclui o desenvolvimento da sensibilidade, propiciando a integração do sentimento com pensamento. E, na verdade, a música como linguagem não depende apenas do talento ou não

especial, mas está ao alcance de todos. De fato, quando assumidas como linguagem que incorpora os fundamentos que tornam arte, a música nos permite integrar competências linguísticas, corporais, espaciais, de raciocínio lógico, percepção de si próprio e percepção do outro, além das músicas propriamente ditas (SESI, 2009, p. 18).

É notório que mesmo antes do aparecimento dos primeiros instrumentos musicais, o homem já fazia música por meio dos seus gritos e sons corporais, utilizando: paus, pedras, ou conchas, o *homo sapiens* tentava imitar os sons que vêm da natureza (SESI, 2009, p. 23). Existem muitos vestígios, como pinturas rupestres do período pré-histórico ou do período neolítico que comprovam que o homem utilizava a música. É possível citar diversas civilizações, como a Grécia e Roma, ou até mesmo a Idade Média, para se ter uma noção de quando começou o uso de música natureza (SESI, 2009, p. 24). Comprova-se então que a música é uma das mais antigas formas de expressão cultural, presentes em vários espaços, da nossa sociedade.

Não se tem uma cronologia exata referente à criação da música, mas existem algumas manifestações que foram pintadas na época das cavernas, que nos dão um norte referente à sua verdadeira origem: um sítio arqueológico tem uma figura rupestre que dá um embasamento satisfatório para podermos discutir sobre música e sua importância na sociedade, a falta de exatidão referente a sua origem não desmerece o seu valor, se recorremos aos manuscritos bíblicos, no livro de Gênesis 4:21, encontraremos o primeiro relato bíblico que fala quem foi o criador da música instrumental: "O nome de seu irmão era Jubal; este foi o pai de todos que tocam harpa e flauta". Baseado neste verso, acreditamos que Jubal, o sexto descendente de Caim, criou os instrumentos musicais, mas em Gênesis 2:23, encontramos a primeira vertigem de uma música, feita por um humano, em que Adão, ao ser apresentado por Deus, cantou um verso: "E disse Adão:

Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada.” Isso é apenas com base nos manuscritos bíblicos⁴.

Para compreender melhor a música, temos que entender o que é um som, para que exista o som é necessário existirem ondas sonoras, as quais são deformações causadas pela diferença de pressão, seja ela por meio de ar, metais, ou isolantes, sendo que Wisnik (1989) define som da seguinte maneira:

Os sons são emissões pulsantes, que são por sua vez interpretadas segundo os pulsos corporais, somáticos e psíquicos. As músicas que fazem nesse ligamento em que diferentes frequências se combinam e se interpretam por que se interpenetram (WISNIK, 1989, p. 20).

Quando algum objeto vibra, essas vibrações moleculares se propagam muito rápido, podendo ser dividido em alguns elementos como intensidade, altura, duração e timbre. A música pode ser conceituada como uma prática cultural humana, uma forma de arte, também pode estar ligada ao intelecto e à emoção de transcender uma essência misteriosa e temporal em diversas ideologias. A altura do som pode ser medida por meio de uma nota musical, as quais são divididas em 7: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si. As expressões dessas notas são feitas através de instrumentos musicais (SESI, 2009, p. 46).

Acredita-se que as primeiras experiências sonoras da humanidade foram feitas por meio da apreciação de sons naturais, visto que a onda sonora se propaga por todo ambiente, o ser humano provavelmente ficou encantado com que ouvia da natureza e tentava reproduzir através da voz huma-

⁴ A BÍBLIA. *Livro de Gênesis*. Trad. João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento. Citação: (A BÍBLIA, 2008).

na, a voz é o mais antigo instrumento musical que o homem pratica, por meio da voz podemos emitir música. A sonoridade que pode ser comparada à impressão digital, cada pessoa tem a sua, assim também cada pessoa tem o seu timbre vocal, que equivale a seu registro sonoro de uma digital.

Assim como escrevemos palavras, a música também pode ser escrita por meio de uma notação de partitura, o ritmo é tido como um esqueleto da desta, ele é o tempo que a música tem a partir dos movimentos do som regulados pela sua maior ou menor duração. Daí podemos entender que a melodia e a sucessão de sons ou ato de tocar, ou cantar as notas musicais formando um sentido da composição por meio da projeção do som. Atualmente se usa partitura para poder escrever a composição melódica de uma letra musical.

A música hoje tem sido utilizada de maneira terapêutica, lúdica, pedagógica, comercial (estimulando apresentação de produtos/serviços e o consumo) e também para o entretenimento. Partindo do viés pedagógico, a apreciação musical pode ser feita pela criação de performance de músicas da cultura local, o educador precisa estar atento para contextualizar a música aos conteúdos e às vivências do seu aluno, porque cada ser humano tem a sua identidade sonora que é única a cada ser. A música é capaz de mexer com ser humano por causa dos elementos básicos que ela tem, por exemplo, a melodia, ela mexe com atividade sensorial e a sensibilidade, já a harmonia trabalha intelecto e o aprendizado da teoria musical e do instrumento, e é capaz de alfabetizar; já o ritmo está associado à musculatura humana e aos batimentos cardíacos.

Por isso que às vezes nosso coração acelera quando ouvimos uma música que nos faz bem, nos traz uma lembrança, seja ela feliz ou não, e também pode dar sensação de pertencimento, valorização da cultura local, regional ou global. Além de fazer com que nossa mente vá a lugares que

nunca fomos ou vá a lugares que já visitamos, nos traz, às vezes, cheiro, cor, e sensação daquela visita, é capaz de trazer paz e tranquilidade, e o inverso também, pode nos trazer sofrimento, tristeza, apego, sensação de fobia, dentre outros, a capacidade que a música tem em nosso cérebro é fantástica (MORAIS, 1986, p. 64).

Existe no cérebro uma parte chamada “área cerebral”, que fica localizada bem perto da área do raciocínio lógico-matemático, ajudando na linguagem falada e escrita, melhorando a maneira de se relacionar em grupo, consigo e com o mundo⁵.

A maior herança cultural que o ser humano pode ter é a música. Ela traz um conglomerado de costumes e tradições que fazem parte da identidade nacional, reúne vários costumes, além de ter uma ampla farmacologia importante na medicina moderna no caso de utilizar sementes e folhas medicinais. A música também pode contar as diferentes para associações e modismos linguísticos de determinada época, além de transmitir conhecimentos que podem ser transformados em construções técnicas como confecção de tecidos, construções de casas e assim por diante (MORAIS, 1986, p. 67).

Nos deparamos hoje com um aspecto que coloca em risco a cultura, que é o negligenciamento cultural. Com isso, cresce grandemente o risco de esquecimento de identidade; está se perdendo com o tempo a herança cultural que era transmitida por meio da oralidade, essas narrativas musicais, identificavam a diversidade e identidade específica de determinados povos. Por isso, é necessário um trabalho de valorização cultural para que esses valores não se percam com tempo; da indignação à contestação das insatisfações que acarretavam as músicas, principalmente em tempos difíceis

⁵ SESI: Cadernos técnicos. Serviço Social Da Indústria. SESI-SP: Editora Brasília, 2009.

como os da ditadura, hoje se vê perdendo por conta da cultura de massa, que lança modismos musicais, que não conseguem durar 3 meses de audiência nas mídias, e são logo descartadas (LISBOA, 2013, p. 142).

Segundo Carvalho (2010), existe um grande perigo quando a cultura de massa intervém na cultura popular, transformando-a em “coisa”, com o objetivo de espetacularizar a mesma, para ele:

Essa demanda por transparência se impõe como inevitável porque, quando a cultura popular é convertida em espetáculo “desterritorializado” (isto é, deslocado de sua comunidade ou circuito de origem), ela passa a ganhar valor diante de consumidores de classe média urbana que podem transitar também por outras atividades culturais, como a Bienal de São Paulo, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional do Rio de Janeiro, os Festivais (nacionais e internacionais) de Dança, Música e Teatro, etc. Deve-se então indagar quanto vale a cultura popular na visão do Estado brasileiro. Quem definiu, e com que critérios, que a cultura popular recebe sempre um apoio tão menor que o oferecido até hoje à arte erudita ou à arte popular comercial? E, quanto rende a cultura popular como produto ou serviço oferecido pela indústria do entretenimento? A dimensão estética não pode ser reduzida à dimensão econômica, mas também não pode ser analisada sem tomar a economia em conta. Sabemos que existe uma hierarquia no valor alocado às diferentes formas de expressão cultural — e um dos modos de medir essa diferença de prestígio é o preço que se paga pela performance dos diferentes grupos culturais (CARVALHO, 2010, p. 41-42).

A música é cultura, e também faz parte da cultura. Como podemos compreender isso? A música pode fazer uma abordagem sociocultural e reflexiva, ela pode deixar contribuições sobre etnias, pode ser usada para discutir gênero,

contribuições históricas, políticas e sociais, grandes nomes e construção de identidade: a música é vida.

Se a música é vida, ela pulsa e vive dentro de nós, faz parte da nossa corrente sanguínea, acelera os batimentos cardíacos, nos transcende em algum momento de nossas vidas, nos resgatam memórias, gera sensação de pertencimentos únicos, capazes de completar, ensinar e ao mesmo tempo culturalizar, toda uma sociedade, gerar mudanças, por meio da arte, porque música também é arte (SESI, 2009). Mas para que esse discurso não seja apenas uma utopia, nós precisamos estar decididos a reformular nossas práticas docentes, sair do comodismo, mudar e gerar mudança.

Hoje podemos encontrar registro de músicas disponíveis na internet, em qualquer plataforma digital, em vários formatos, receber pelo celular e enviar várias partituras de diferentes estilos. É preciso observar que todos estes apelos culturais expostos em plataformas de *streaming* carregam posicionamentos de raça, sexo, etnia e classe social, que precisam ser pautados como objetos de problematização e contextualização na educação formal. Textos musicais do Funk, do Forró, do Sertanejo ou do Axé, por exemplo, contêm posicionamentos de gênero e sexo, que não podem ser negligenciados pelos muitos campos do saber na educação. Desse modo, a música pode ser pensada como meio de sensibilização dos alunos, entendida como um suporte pedagógico interdisciplinar para diversos conteúdos, que também fornece importantes problematizações sobre a realidade que connota a vida social dos educandos.

A música é tão importante para os seres humanos por conta do poder de despertar emoções que ela tem. Na época do nazismo, por exemplo, durante o Holocausto, a música era usada como forma de desumanizar e quebrar a resistência dos presos. Atualmente a composição melódica é usada

em tratamento com pessoas que estão passando pela quimioterapia ou radioterapia, conhecida como Musicoterapia⁶.

Uma pesquisa que ocorreu no Instituto Cochrane, onde foram analisados mais de 3.700 voluntários com câncer que estavam fazendo tratamento de Rádio e Quimioterapia, chegaram a uma conclusão positiva na saúde e na qualidade de vida dos pacientes que usaram fones de ouvidos com suas músicas favoritas na sua *playlist*, o coordenador do curso de musicoterapia das Faculdades Metropolitanas Unidas, em São Paulo, Raul Brabo disse: "É natural em quem descobre o problema um grande abalo emocional. As melodias ajudam no reequilíbrio e no preparo para encarar as sessões de quimioterapia ou de radioterapia"⁷.

Para que o benefício seja maior, as composições selecionadas para o momento precisam ter um significado na vida do indivíduo⁸, isso deixa bem claro a relação da música com as emoções, desde o Holocausto que era usada com propósito ruim até nos dias atuais, como ferramenta para o tratamento de câncer. Isso é um fato relevante para intensificar o uso dela dentro do ambiente escolar. Para exemplificar também temos o fato de ter música nas práticas de yoga, de ter música nas práticas de ginásticas diversas; as práticas religiosas são permeadas de musicalização, deixando claro sua importância. Acrescentando que, em relação à educação, cursinhos pré-vestibulares costumam utilizar da estratégia da musicalização para transferência e fixação de conteúdos escolares.

⁶ Conjunto de técnicas baseadas na música e empregadas no tratamento de problemas somáticos, psíquicos ou psicossomáticos. Musicoterapia é uma prática com música no contexto clínico de tratamento, reabilitação ou prevenção de saúde e bem-estar. Decorre num processo sistemático ao longo do tempo, efetuado entre um musicoterapeuta e uma pessoa ou um grupo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Musicoterapia>. Acesso em: 25 jun. 2020.

⁷ Disponível em: <https://oncousul.com.br/musica-ajuda-no-combate-ao-cancer/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

⁸ Ibidem.

Numa pesquisa pioneira sobre a transmissão de emoções feita pelo professor Christian Alessandro Lisboa da Universidade Federal de Sergipe, chegou-se à seguinte conclusão:

O estudo das emoções não é algo subjetivo, porém, é no mínimo uma tarefa complicada, devido ao grande número de variáveis envolvidas. Se a própria execução instrumental envolve inúmeros elementos como, por exemplo, o instrumento, acústica do local, a partícula, o intérprete, além de elementos da própria música tais como ritmo, andamento, alturas, intensidades, etc. Em um estudo desse tipo adicionamos outras variáveis relacionadas à percepção dos intérpretes e ouvintes, como a capacidade auditiva, a experiência musical, as questões culturais e a própria experiência emocional (LISBOA, 2013, p. 177).

Com esse estudo podemos observar que as reações fisiológicas que a música pode exercer vai além das emoções, ela influencia diretamente no estado emocional do indivíduo, porque o som é uma onda sonora que se subdivide em frequência e timbre, altura x amplitude, podendo ser usada com ação curativa, sendo capaz de alterar diretamente o humor, visto que a frequência cerebral também vibra igual as frequências sonoras. Existem vibrações que produzem as emoções e sensações que levam a sentimentos como: alegria, tristeza, medo, dentre outros. Fazendo com que o humor de quem escuta se altere.

Nessa mesma pesquisa do professor Lisboa (2013), é possível se observar como as frequências das músicas criadas hoje foram programadas com intuito de fazer o cérebro gravar mais rápido, com isso, o descarte da mesma também é rápido, tanto que os *hits* que embalam o ano corrente, daqui a dois anos, poucas pessoas ouvem falar neles. O descarte também é rápido devido à frequência pela qual foram produzidas.

Os sons são como as cores, vibram, brilham e transmitem mensagens o tempo todo, quando andamos numa rua, podemos ouvir o som dos nossos passos pela calçada, o barulho de buzina, ou até mesmo a voz de várias pessoas falando ao mesmo tempo, os sons o tempo inteiro estão nos transmitindo mensagens e informações. Seja no sagrado ou no profano a melodia tem o seu papel importante, principalmente dentro da cultura popular. As várias liturgias cristãs, os hinos que são cantados, as músicas sagradas dos indígenas, os torés, os pontos dos orixás, todos repletos de signos e significados; deixam claro como a música é importante para a maioria das culturas, e não deve ser desconsiderada. Disso, conclui-se que a música:

[...] é um processo dinâmico; transformações (positivas) ocorrem, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir a sua “deterioração”. É possível preservar os objetos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores, mas não se consegue evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que se altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos (ARANTES, 1981, p. 32).

A vibração do som funciona além da inteligência consciente, essa viagem sônica que muitas vezes são desconsideradas, vai além da transformação que o cérebro faz de ondas, decibéis ou hertz (Hz) em som e emoção (LISBOA, 2013, p. 34), é aquilo que nos forma como seres humanos, é a sensação de pertencimento que a música pode nos dar, é a beleza do som, sendo ouvida por cores e tons que são sentidos somente pela alma.

Amparado pelas competências apresentadas pela Base Nacional Curricular Comum — BNCC (BRASIL, 2017), o componente Arte assume, também, o compromisso de assegurar aos alunos o desenvolvimento de competências relacionadas à alfabetização e ao letramento; visto que, ao possibilitar o

acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não-verbais. As inúmeras possibilidades que a música pode trazer ficam claras na citação de Wisnik (1989):

Quem se dispuser a escutar o som real do mundo, hoje, e toda a série dos ruídos em série em que há nele, vai ouvir uma polifonia de simultaneidades que está perto do ininteligível insuportável. Não só pela quantidade de coisas que soam, pelo índice entrópico que parece acompanhar cada som com uma partícula de tédio, como por não se saber mais qual é o registro da escuta, a relação produtiva que a escuta estabelece com a música (WISNIK, 1989, p. 53).

Nas narrativas audiovisuais, diversos elementos podem compor a sonoridade, as vezes uma respiração, uma voz trêmula e emocionada, por si só traz grandes reflexões. Assim como o som pode ser representado por cores, as cores em si mesmas produzem emoções e sensações, mesmo dissociadas do áudio.

Por isso a importância de um registro audiovisual em conjuntura com as culturas populares, podem perpetuar essas manifestações e garantir que outras gerações tenham acesso ao que foi produzido em dado momento histórico.

Considerações finais

O termo “cultura popular”, sempre estereotipado, visto com maus olhos, e desmerecido intelectualmente, tornou-se apenas um brinquedo nas mãos de quem tem o poder; para fazer dela motivo de uso e abuso sem nenhum compromisso, como que se ela estivesse a serviço do povo. Enquanto desconhecemos o real significado existente por de trás do termo “cultura popular”, vai existir essa discrepância entre a realidade e a prática.

A herança cultural dentro da cultura popular tem suma importância, considerando que ao se herdar algo, cria-se uma identidade, e esta, sendo permeável e flexível, transforma-se também ao longo do tempo. Com isso forma a necessidade de pertencimento, que conforme Hall (2006), é descrita por meio da formação da identidade da seguinte maneira:

A identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente, na consciência no momento do nascimento. Existe algo imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está em processo, sempre sendo formada. Assim em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la, como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade, que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza, que é preenchida a partir, de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38-39).

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. As narrativas oferecem suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. É por meio das narrativas que se pode construir uma ideia do que foi vivido no passado. As narrativas orais são uma das maneiras mais antigas de propagar conhecimento, pois por meio delas os grupos de culturas populares, conseguiram sobreviver por meio das gerações e das influências tecnológicas, por isso o professor Joel Candau (2018), descreveu em seu livro "Memória e Identidade", um trecho que se aplica diretamente a essa nova era da tecnologia, em que esse aparato tecnológico mudou a relação de tempo e distância:

O Fluxo do tempo, por esta razão, ameaça os indivíduos e os grupos em suas existências. Como

passar esse tempo devastador, essa "corrida desabalada", como evitar seu trabalho "incoerente, indiferente, impessoal e destruidor", como se livrar da "ruína universal" com a qual ameaça toda vida? (CANDAUI, 2018, p. 15).

Os registros audiovisuais exercem uma grande influência para a transmissão e registro de conhecimento. Essas narrativas que se recriavam na oralidade de maneira espontânea, atualmente pode fazer parte de um acervo digital onde permite-se consultar e saber qual era o comportamento de determinado grupo de cultura popular em determinada época, assim como as pinturas e os livros nos trazem um recorte temporal de outros momentos históricos. A Cultura é movimento ao vivo e em cores, não pode ser ensaiada, apenas acontece. São *hiperlinks* que podem nos levar a vários lugares inimagináveis. Mesmo sabendo que muita coisa pode ficar de fora de um registro fílmico, vale a pena salientar que "em cores" exemplifica a naturalidade e a aproximação com a realidade.

Referências

ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXI, 2011.

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. Cultura popular, um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 87-89.

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é Cultura Popular?* n. 36, São Paulo: Brasiliense, 1981 (Coleção Primeiros Passos).

ARIAS, Patricio Guerrero. La cultura: estrategias conceptuales para entender la identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia. Quito: Abya-Yala, 2002.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. *PEC - Lei 13.006*, de 26 jun. 2014, que acrescenta o inciso 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 dez. 1996.

CANCLINI, Néstor García. A encenação do popular. In: *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloisa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.p. 205-254.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto: 2018.

CARVALHO, José Jorge de. 'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares na América Latina. *Revista Antropológicas*, Rio de Janeiro, ano 14, vol.21, p. 39-76, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós — modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JORGE, Marina Soler. *Cultura popular, cultura erudita e cultura de massas no cinema brasileiro*. Cronos, Natal-RN, v. 7, n. 1, p. 173-182, jan./jun. 2006.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura?* nº 110, São Paulo: Brasiliense, 1987 (Coleção Primeiros Passos).

LISBOA, Alessandro Christian. *A transmissão da emoção através da música*. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

MENEZES, José Eugenio de O. Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. *Revista Líbero*. Ano XI. n. 21. Jun. 2008.

MORAIS, J. J de. *O que é Música?* nº 75, São Paulo: Brasiliense, 1986 (Coleção Primeiros Passos).

[SESI] VALORES DA MÚSICA: *Cadernos técnicos*. Serviço Social Da Indústria. SESI-SP Editora Brasília, 2009.

WISNIK José Miguel. *O som e o sentido*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

[Recebido em: 30 mar. 2022 — Aceito em: 9 nov. 2022]